

V. A Causalidade (cont.)

Resumo o que tentei dizer na ultima quarta feira para depois continuar com o argumento: A nossa noção da causalidade é descendente da noção do destino grego e judeu. Os gregos professaram a fé no destino, mas não puderam evitar que o acaso tyche e a liberdade humana hybris agissem como limitações do destino. Os judeus professaram a fé na liberdade humana e na liberdade divina, mas não puderam evitar que ambas fossem limitadas pela cadeia necessaria de pecado e castigo, pelo destino. Isto é compreensível porque tanto a fé no destino como a fé na indeterminação são necessarias para a existencia humana, e é justamente nisto que reside a sua situação absurda. A nossa noção da causalidade é a tentativa de abstrair o destino judeu e grego de seus aspectos eticos e de seu carater entelechico, para conservar sómente os seus aspectos de necessidade e seu carater progressivo. Essa tentativa de abstração é um processo lento que se desenvolve a partir dos primeiros pensadores gregos até quase os nossos dias, quando, ao que parece, está sendo abandonado. A nossa noção da causalidade dependerá da definição que daremos ao conceito "causa", porque indefinida a causa, a propria causalidade é uma banalidade e um truismo. O processo do desenvolvimento da definição da causa passa por diversos estagios, entre os quais os seguintes me parecem ser os mais importantes: as causas são concebidas eticamente, metafisicamente, fisicamente, psicologicamente, logicamente, formalmente, para, em fim, não serem mais concebidas. Este desenvolvimento da definição da causa é acompanhado por uma transferencia de interesse nas respostas oferecidas á pergunta "porque" e por uma crescente frustração do intellecto que indaga. No estagio etico o intellecto é inteiramente satisfeito, o mundo é inteiramente explicavel quanto aos seus fenomenos tanto ao seu significado. No estagio atual o intellecto é inteiramente insatisfeito, o proprio direito do intellecto de indagar no nexo entre os fenomenos e no seu significado é posto em duvida e tudo é deixado em suspenso. Evitei a tentação de esboçar a historia do conceito da causa, porque isto equivaleria á historia da epistemologia, e limitei-me a contar, em poucas palavras e de forma caricaturada, a noção física da causa e a causalidade dela decorrente. Fiz isto porque, no fundo, é essa noção que continua prevalecendo nos espiritos pseudocientificos, a despeito de ter sido desprovada não sómente pelas ciencias biologicas, mas ultimamente pela propria física, e está sendo definitivamente abandonada. Tentei, em seguida, considerar a possibilidade de uma multiplicidade de nexos causais, fechados sobre si mesmos mas sem conexão entre si, possibilidade esta sugerida pela biologia. Cheguei á conclusão que a admissão dessa possibilidade conduz a um cepticismo curioso: a saber, o mundo se torna inexplicavel justamente por ser explicavel de muitas maneiras. Cada explicação é completa e consistente, cada nexo causal se aplica a cada fenomeno do mundo, mas é irreduzível a qualquer outro nexo. Confessei a minha atração por este ponto de vista, o qual, entretanto, encerra em si o perigo de se vencer a si mesmo. É um ponto de vista entre muitos, representa uma tomada de posição e ameaça portanto de se tornar, ele proprio, uma camada de conhecimento. A liberdade humana reside, nesta ordem de ideias, justamente na possibilidade de mudar continuamente de pontos de vista, de não se "engager", de saltar de galho em galho, e a aceitação desta ordem de ideias é, de certa maneira, um "engagement", e portanto se derrota. O que me atrai é principalmente o facto de que esta ordem de ideias torna evidente que o "engagement" é o contrario da liberdade, coisa que, a despeito de evidente, está sendo esquecido. Vivemos numa época barbara e obscura, que está oferecendo hinos á servidão humana em nome de uma liberdade invertida, em nome de um engagement abjeto. A suprema liberdade no conceito dos nossos pensadores da pseudovanguarda consiste no direito de obedecer, para usar uma frase feliz de Hegel. É contra este conceito da liberdade, o qual nos ameaça da esquerda e da direita, e o qual é fruto de uma noção de causalidade rigida, que estou me rebelando. Considerarei agora a outra possibilidade da multiplicidade de nexos causais, a saber a possibilidade de conexões entre eles, e portanto o problema de uma hierarquia reinante entre eles.

Existe, como já disse na ultima vez, um paralelismo entre as diversas camadas causais que parece sugerir uma ligação entre elas. Darei um exemplo típico e, creio, revelador do problema: a força. Temos o conceito da força no plano fisico, por exemplo a força de uma corrente elétrica. Temos o conceito da força no plano biologico, por exemplo a força de uma corrente de características hereditarias. Temos o conceito de força no plano psicologico, por exemplo a força de uma corrente de desejos reprimidos. Temos o conceito da força no plano social, por exemplo a força de uma corrente politica ou literaria. Temos o conceito da força no plano economico, por exemplo a força de uma corrente de tendencias do mercado. Temos o mesmo conceito no plano estetico, religioso, enfim, em todos planos concebiveis. O problema é o seguinte: Tem essas forças algo em comum, e, em caso afirmativo, pode ser descoberto, por assim dizer objetivamente, este denominador comum e pode ser localizado? Em outras palavras: qual é a força primordial e primaria que deu origem a todas essas forças enumeradas por mim, e em que plano se localiza? Se conseguirmos responder satisfatoriamente a essa pergunta, teremos estabelecido uma ligação entre as diversas camadas de nexos causais, e uma hierarquia entre eles, pelo menos, quanto é noção da força.

Ninguém, em sã consciencia, negará que existe uma vasta diferença qualitativa entre a força de uma corrente elétrica e a força de uma corrente artistica, por exemplo, e a tentativa é forte de dizer-se que se trata de um simples jogo de palavras. No entanto, se negarmos qualquer ligação entre os dois fenomenos, estamos de volta na ordem de ideias das camadas irreduziveis. A alternativa é de afirmar uma ligação, por mais tenue e problematica que seja. Proponho de estabelecermos esta ligação primeiramente a partir da corrente artistica para a corrente elétrica, para depois tentar a mesma ligação a partir do lado oposto: direi que a corrente artistica é causa de varios efeitos, na maioria esteticos, mas alguns dos quais podem ser considerados psicologicamente. Os fenomenos da psicologia podem, portanto, ser considerados, como casos especiais de fenomenos esteticos, e a psicologia pode ser considerada como uma estetica aplicada. Os fenomenos psicologicos, por sua vez, tem, entre seus efeitos, fenomenos biologicos, e a biologia pode ser considerada uma psicologia aplicada. Os fenomenos biologicos são causas de efeitos fisicos, (entre outros efeitos), e a fisica portanto é uma biologia aplicada. A corrente elétrica é um fenomeno fisico, cujas causas devem ser, portanto, procuradas na estetica, por ser, em ultima analise, a fisica um caso muito especial da estetica, e o fisico é um artista super-especializado. Assim estabeleci um nexo causal entre a força de uma corrente artistica e uma corrente elétrica, se bem que um nexo um tanto frouxo. Talvez Vocês dirão que a minha argumentação é artificial e forçada, e eu concordarei plenamente com Vocês, mas direi que todas as tentativas de ligações entre os dois fenomenos são igualmente forçadas. O meu exemplo parece especialmente ridiculo, porque já perdemos o costume de querer explicar o mundo esteticamente, mas receio que Pythagoras ou Kun-Fu-Tse ~~compreenderiam~~ nada achariam de risivel no meu argumento. Estabelecerei agora a ligação contraria entre a corrente literaria e elétrica da seguinte maneira: A corrente elétrica, sendo um fenomeno fisico, é causa de diversos efeitos entre os quais alguns podem ser considerados quimicos, e a quimica pode ser considerado um caso especial da fisica. A bioquimica pode ser considerada como caso especial da quimica, a biologia como caso especial da bioquimica, a psicologia como caso especial da biologia, a economia como caso especial da biologia, a arte como caso especial da economia. Portanto todos fenomenos artisticos podem ser explicados economicamente, todos fenomenos economicos biologicamente, todos fenomenos biologicos quimicamente, todos fenomenos quimicos fisicamente, e, em consequencia, todos fenomenos artisticos, podem, em ultima analise, ser explicados fisicamente. A ligação é feita, e só não parece igualmente ridicula quanto a primeira, porque a ela estamos mais acostumados graças aos pensadores mecanicos do seculo 18.

Estabeleci, desta forma, duas pirâmides hierárquicas de planos de conhecimento, duas pirâmides de nexos causais, cuja ordem é idêntica, mas cuja sequência é inversa. Podia ter estabelecido pirâmides com ordens totalmente diversas, e até pirâmides consistentes de planos totalmente diversos. Não perdi no entanto, tempo com isto, porque creio que demonstrei o caráter subjetivo e fortuito de qualquer tentativa de introduzir uma hierarquia no conjunto dos fenômenos ditos objetivos. Quero somente dizer que, na minha segunda ligação, poderia ter passado da física para a psicologia, de lá para a filosofia, e dela para a arte, partindo do princípio que os fenômenos da física, sendo observados, criam efeitos psicológicos e assim por diante. Teria desta forma criado uma pirâmide totalmente diversa e incomensurável com a primeira pirâmide, no entanto a ligação entre a corrente elétrica e a corrente artística teria sido igualmente perfeita. Ignorarei, no entanto, para o momento, estas considerações para mim irrefutáveis, para poder continuar com meu argumento—

Ao passar, na primeira ligação, da estética para a psicologia, e na segunda ligação da física à química, disse que se tratava de efeitos especiais, de casos especializados. O nexo causal foi continuado, por assim dizer, verticalmente, em vez de horizontalmente. Explico-me melhor dando exemplos. Se o romantismo conduz ao realismo, então a corrente causal é perfeitamente horizontal, um elo segue o outro. Mas se o romantismo conduz ao suicídio, então algo estranho se introduziu entre os elos. Não resta dúvida que Werther é a causa e o suicídio do leitor é o efeito, mas é um efeito vertical dentro da pirâmide, trata-se de uma mutação qualitativa. Se a corrente elétrica produz a magnetização de um ferro, então a corrente causal é perfeitamente fechada. Mas se a corrente elétrica produz a eletrolise da água, e se esta se transforma quimicamente, então temos a mesma mutação qualitativa como no caso do suicida amigo da literatura. E se a corrente elétrica, ao invés de produzir magnetismo ou a eletrolise, produz uma teoria de eletromagnetismo, então temos um outro exemplo, talvez ainda mais impressionante, de uma mutação entre causa e efeito. Em que consiste esta mutação misteriosa, em que consiste este, porque não dizê-lo?, milagre. Esta minha pergunta equivale a seguinte pergunta menos misteriosa: Com que sentido posso dizer que Werther é a causa do suicídio, que a corrente elétrica é a causa da eletrolise, e que a corrente elétrica é a causa de uma teoria do eletromagnetismo? Voltamos ao problema primitivo da definição do conceito "causa". Direi que em todas essas frases a palavra "causa" é aplicada em sentido vago que carece de sentido. Dizer que Werther causou o suicídio é dizer absolutamente nada. Trata-se simplesmente de uma tentativa de obscurecer o fato de que a ligação entre Werther e o suicídio é incompreensível, não é causal, é, falando teologicamente, um milagre. Que a eletrolise é, por assim dizer, um efeito milagroso da corrente elétrica, o mesmo acontecendo com a teoria do eletromagnetismo. Ou, se Vocês não gostam da palavra "milagre", trata-se de saltos primordiais, de Urspruenge, de uma camada para a outra. São saltos criadores. A psicologia surge como coisa totalmente nova do seio da estética, a química surge como coisa totalmente nova da física, a psicologia surge como coisa totalmente nova da física, e trata-se de milagres também neste sentido. Não querer reconhecer este fato é, para mim, desonestidade intelectual ou miopia. Estamos, novamente, de volta no mundo das camadas irreduzíveis e no mundo dos saltos. E novamente suprimirei estes argumentos para continuar o fio da meada.

Querendo salvar portanto o nosso conceito de causalidade, precisamos conceder um sentido a frases como—"a corrente elétrica é causa da eletrolise da água". Desta forma teremos, efetivamente, estabelecido elos entre diversas camadas de nexos causais, teremos construído escadas entre os terraços, para usar a imagem que abusei na última quarta-feira. Subindo e descendo por estas escadas, tal qual uma aranha sobe e desce pelos fios que unem a sua teia, podemos tecer os sistemas filosóficos gloriosos que explicam, interpretam e até aperfeiçoam o mundo.

-4-

Geralmente, em nossos dias, não são as pirâmides cosmologicas construidas a partir de camadas tão finas como a estetica, ou a partir de camadas tão grossas como a fisica, (sebem que a estetica não seja tão fina, nem a fisica tão grossa como quer parecer á primeira vista). Os nossos construtores são mais sofisticados e menos optimistas que os seus antepassados na Grecia, e não temos mais um Pythagoras nem um Democrito em nossas universidades. As camadas preferidas em nosso tempo censado e desesperado são, por exemplo, abiologia (Bergson e os pragmaticos), a psicologia (Freud Jung e, até certo ponto, os existencialistas), a economia e sociologia (Marx, os fascistas e os filosofos do capitalismo, coitado deles) e, alg nebulosamente, a anthropologia (uns amigos meus durante uma discussão recente). Todas estas construções tem a vantagem de partir de camadas, nas quais a ciencia pouco progrediu e cujo nexo causal foi, portanto, pouco pesquisado. Portanto, não se torna aparente, logo de primeiro golpe de vista, que precluem a liberdade. No plano da fisica a ordem causal parecia estar, há poucos anos, definitivamente estabelecida. Portanto uma construção cosmologica baseada na fisica estaria, logicamente, comprometida com uma causalidade inescapavel, e num mundo mecanistico assim não haveria lugar para a liberdade humana. Hoje, quando a causalidade parece ter sido abandonada pela fisica, uma construção cosmologica em sua base se recomenda ainda menos, porque se desmoronaria em base tão fragil. No campo da estetica a ordem que reina é matematica, portanto de uma causalidade formal totalmente fechada, e uma cosmologia pythagoreica ou confuciana preclui, em ultima analise, igualmente a liberdade. No campo da biologia, da psicologia, da economia etc. no entanto, esta ordem não foi, ainda, definitivamente estabelecida, ela foi tão sómente esboçada e sugerida. Portanto edificios baseados nessas camadas parecem dar campo á liberdade humana, no caso da biologia e psicologia parecem até afirma-la. No entanto trata-se novamente de uma desonestidade. Trata-se, ao meu ver, do seguinte dilema: Ou assumimos um nexo causal fechado no campo, digamos, da psicologia. Então somos capazes de explicar o mundo inteiro a partir deste campo e reduzir todos os fenomenos a suas raizes causas situados no campo da psicologia, como o fazem Freud e seus descendentes. Mas então não há ambiente para a liberdade. Ou assumimos que nesse campo não existe nexo causal fechado, então ele não serve para explicar o mundo. Assim reaparece o problema da liberdade como recusa de tomada de posição sob um novo prisma. Se assumimos um ponto de vista, se nos colocamos no meio de uma camada, se estamos no meio dela (interesse), então, por força de logica e de epistemologia, abrimos mão da liberdade. E tudo que chamaremos "liberdade" daqui por diante será o nosso direito de obedecermos as leis causais prevaescentes em nossa camada. E se a nossa camada não apresenta leis causais fechadas, não se trata de uma camada genuina, a nossa tomada de posição não era genuina, o nosso engagement não é autentica, mas nossa liberdade está preservada. Estas considerações são, digo-o de passagem, uma contribuição minha para o problema do fanatismo. O fanatico é aquele que tomou uma posição dentro de uma camada genuina, que tomou uma posição autentica, que explica autenticamente o mundo inteiro, e portanto abriu mão da liberdade. O sujeito conciliador e disposto a compromissos é aquele que tomou posição numa camada não genuina, que assumiu um engagement não autentico, não sabe explicar o mundo inteiro, e portanto preservou a sua liberdade. Vocês verificarão, se estão seguindo o meu argumento com atenção, que estou usando os termos existencialistas para combater o existencialismo. Estou tratando de virar as armas existencialistas contra os seus autores. Este meu existencialismo virado as avessas é minha tentativa de recolocar a fé na sua posição original, porquê, repito pela vigesima vez, o existencialismo é uma fé virada ás avessas. Sem o querer avancei hoje profundamente para aquilo que considero o centro dos problemas filosoficos, religiosos e politicos da atualidade. Interroppo portanto aqui, para dar margem a um debate mais amplo, a despeito de ter escrito sómente 4 paginas ao envez das 6 costumeiras. Continuarei de causalidade na proxima quarta feira.